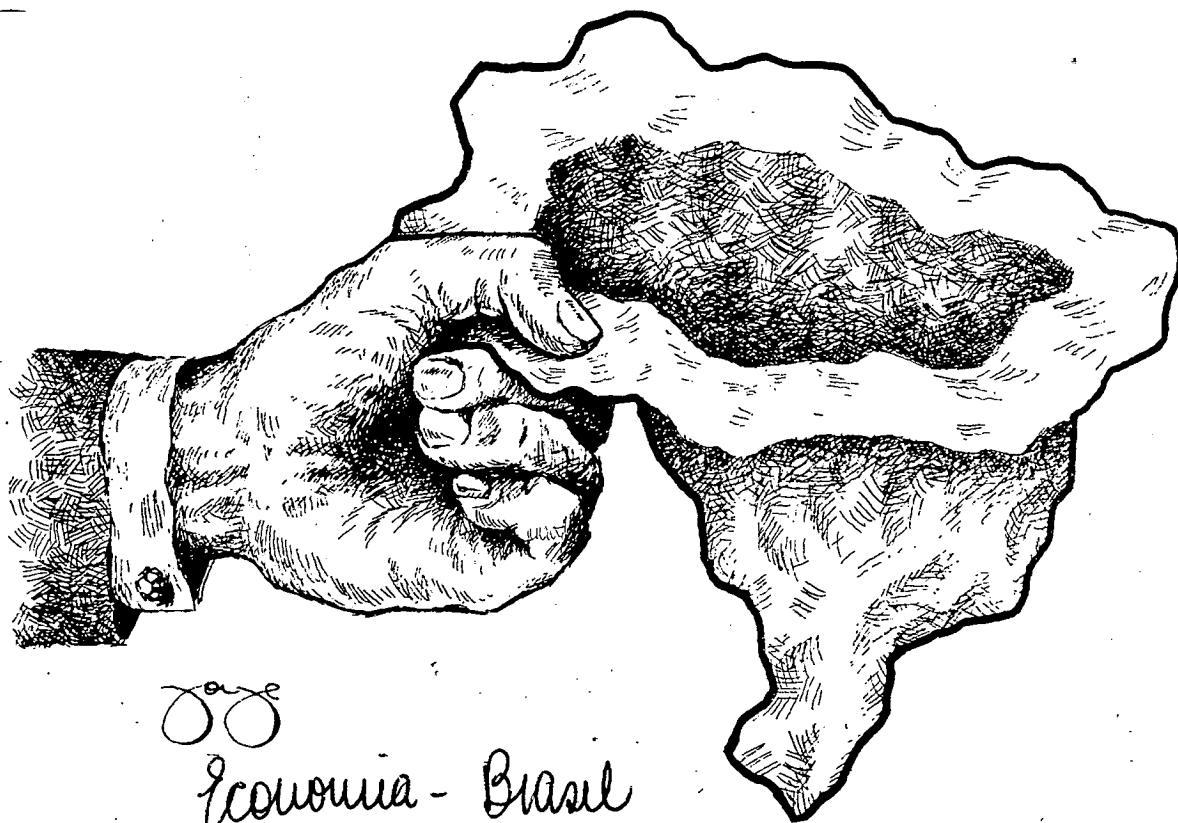


O LEITOR ESPECIAL



Incapacidade de conseguir resultados revela a grande crise: incompetência

Paulo Décio Ribeiro

DECORRIDOS dois anos de recessão, em que os níveis de inflação persistem em se manter perigosamente elevados, é necessário que o País revise seu modelo econômico para identificar as causas reais de tão negra situação.

Inicialmente, foi o aumento do preço do petróleo, o elemento básico que serviu como justificativa para a crise econômica. Mas os preços do petróleo em baixa, aliados aos esforços na área de extração da Petrobrás e ao programa do álcool, serviram para desmistificar tal afirmativa. Entretanto, os preços da gasolina continuam a subir desordenadamente.

Em seguida, foram os produtos agrícolas, insuficientes para abastecer o consumo interno, obrigando-nos à importação, à perda de divisas e elevando os índices de inflação. Mas este não pode ser um argumento sério, pois os subsídios dados à agricultura geraram superávits que culminaram em transformar o Brasil no maior produtor de grãos do mundo. Entretanto, os preços dos produtos agrícolas continuam a subir desordenadamente.

Logo a seguir, foi a crise mundial. Responsável pelo fechamento dos mercados consumidores externos, depreciando os preços dos produtos exportados e gerando elevado déficit na nossa balança comercial. Mais uma vez, está demonstrado que não é este o vilão da história. A nossa

balança comercial apresentou saldo de mais de 3,5 bilhões de dólares, nos últimos sete meses. Entretanto, as dívidas do País continuam a subir desordenadamente.

Neste meio tempo, os trabalhadores, que tiveram o poder aquisitivo violentamente reduzido e vêm lutando através do aumento da produtividade para reverter a situação econômica, sofreram novo golpe. A política salarial, considerada como o bode expiatório da inflação acelerada, foi combatida e eliminada. Entretanto, a inflação continua a subir desordenadamente.

No momento atual, é o elevado custo do dinheiro o responsável pela crise econômica do País. Consumindo o capital de giro das empresas, inviabilizando investimentos e a geração de novos empregos. Mas os juros, ao longo do último ano, vêm sofrendo contínuo declínio nos mercados financeiros externos. Entretanto, o custo do dinheiro continua a subir desordenadamente.

Amanhã serão a correção monetária, o *open*, os elevados subsídios, alguns dos escolhidos para carregar a cruz ao calvário do caos econômico. Mas que crise é esta que os expoentes economistas não conseguem resolver? A resposta é simples. Estamos vivendo uma verdadeira crise de competência. A cada dia que passa, surgem justificativas emolduradas por palavras, que deixam os leigos convencidos da ver-

dade. Entretanto, competência tem que ser medida através de resultados reais e não por frases demagógicas de completa ineficácia na prática. E não se pense que incompetente é somente aquele que não decide ou toma decisões erradas. Incompetente é também aquele que empreende ações corretas no momento errado. Ora antecipando decisões imaturas, para logo a seguir modificá-las. Ora implementando decisões retardadas de efeito quase sempre nulo. Este, realmente, é o mais perigoso, pois, escudado no fato de que tomou as decisões, consegue permanecer no cargo enganando, quando na verdade deveria ser expurgado, para usar o termo da moda.

Pior de tudo é constatar que a incompetência está se expandindo, tomando de assalto empresas estatais, nacionais e até multinacionais que usam cada vez mais a crise para justificar a incapacidade de obter resultados.

Concluindo, diria que, na era da eletrônica, o administrador que não conseguir resultados imediatos faz parte do passado e não está preparado para o despertar de um mundo novo. Chega de previsões e projeções. O povo quer soluções.

Paulo Décio Ribeiro é Engenheiro Mecânico pela PUC-RJ. Atualmente ocupa a função de Gerente Industrial. Tem 40 anos e mora no Leblon, Rio.